

Quem ficou em casa e quem não pôde ficar: narrativas sobre o trabalho de mulheres na pandemia

Who stayed home and who couldn't: narratives about women's work during the pandemic

BIAR, LIANA DE ANDRADE
lianabiar@puc-rio.br

Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil (2012)
Professor Adjunto I da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Brasil)
Bolsista de Produtividade em Pesquisa - Nível 2 pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, Brasil)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8673-8668>

SANTOS, DOUGLAS FIRMINO DOS
douglasfirmino.santos@gmail.com

Doutorando em Estudo da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Brasil)
Bolsista pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ, Brasil)
ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-4956-8758>

PALAVRAS-CHAVE:
Análise de narrativa;
Pandemia;
Gênero;
Neoliberalismo.

RESUMO: No presente artigo, informado pela Análise de Narrativa enquanto lente de análise discursiva, esboçamos uma pequena parte da paisagem discursiva da pandemia da Covid-19. Especificamente, analisamos histórias cotidianas contadas por mulheres trabalhadoras, nos perguntando sobre como elas puderam (ou não) responder ao chamado do isolamento social, e sobre os sentidos gerados por elas sobre as suas experiências nesse contexto. Os dados analisados foram gerados em entrevistas qualitativas abertas realizadas com três mulheres, atravessadas por diferentes intersecções e discursos. Os resultados mostram os diferentes sentidos e ordens de indexicalidade mobilizadas e a emergência de um sistema de coerência informado pelo discurso neoliberal.

KEY-WORDS:
Narrative Analyses;
Pandemic;
Gender;
Neoliberalism.

ABSTRACT: In this article, informed by Narrative Analysis as a lens for discursive analysis, we outline a small part of the discursive landscape of the Covid-19 pandemic. Specifically, we analyze everyday stories told by working women, questioning how they were able (or not) to respond to the call for social isolation, and the meanings they generated about their experiences in this context. The data analyzed were generated from open qualitative interviews conducted with three women, intersected by different discourses and intersections. The results show the different meanings and orders of indexicality mobilized and the emergence of a coherence system informed by neoliberal discourse.

INTRODUÇÃO

A pesquisa com paisagens linguísticas (Gorter, 2006, p. 01) se ocupa de retratar a diversidade de elementos semióticos cotidianos que nos cercam, conforme expostos em muros, placas, cartazes, grafites, rótulos etc. No presente artigo, de forma análoga, nos dedicamos a esboçar uma pequena parte da paisagem *discursiva* da pandemia da Covid-19 que assolou o mundo entre os anos de 2020 e 2023. Mais especificamente, a partir das lentes da Análise de Narrativa que temos praticado (De Fina, 2021; *Biar et. al.*, 2020), nos perguntamos como diferentes mulheres trabalhadoras, no Brasil, puderam responder ao apelo “fique em casa”, nos debruçando para isso sobre as histórias a partir das quais elas organizam e conferem sentido sobre suas experiências no contexto. Inspirando-nos em Blommaert (2013), foi nosso objetivo observar como se dá a construção discursiva de atitudes, crenças, percepções e engajamento nas atividades de trabalho dessas sujeitas em uma esfera pública em que raramente pessoas ordinárias são convocadas a narrar suas rotinas.

A partir da análise de dados gerados em entrevistas qualitativas abertas, fomos levados mais centralmente a refletir sobre como os sentidos construídos por essas mulheres navegam por ordens de indexicalidade sempre marcadas por imperativos neoliberais. Como veremos ao longo do texto, no lugar de nos fazer “parar em casa”, a emergência sanitária que matou cerca de quinze milhões de pessoas ao redor do globo nos projetou em um universo laboral de tendências *individualizantes* — patente esvaziamento das dimensões coletivas e da preocupação com o outro —, e *totalizantes* — em que se somou ao ímpeto de trabalhar por todas as horas possíveis o desafio de enfrentar a insalubridade ou a sobreposição de vários tipos de trabalho em diferentes espaços condensados pela tecnologia.

O artigo se inicia com uma breve caracterização do que nomeamos aqui o “cronotopo pandêmico” e dos discursos que o constituíram. Em seguida, procuramos apresentar uma proposta para análise das narrativas da pandemia e o modo como estas se entrelaçam a um sistema de coerência neoliberal. Tais reflexões, seguidas das orientações teórico-metodológicas do estudo, embasarão a análise e discussão dos dados.

1. CRONOTOPO PANDÊMICO E AS ORDENS DE INDEXICALIDADE DO ISOLAMENTO SOCIAL

A pandemia provocada pelo Coronavírus, que se estendeu entre 2020 e 2023, deixou um rastro de devastação que ainda levaremos tempo para superar. Só no Brasil, mais de setecentas mil vidas foram perdidas para a doença, número que nos alçou ao topo das estatísticas de morte. Em escala global, somos o segundo país com o maior registro de óbitos por Covid-19 em todo o mundo¹. Como se sabe, normas sanitárias foram mundialmente adotadas nos anos de 2020 e 2021 com o propósito de evitar o máximo possível o contágio, dentre elas o isolamento social.

Por conta do colapso provocado pela Covid-19 no sistema de saúde de vários países, as medidas de isolamento social foram estendidas para além de uma curta quarentena, incorporando-se em nossas vidas como parte do que foi nomeado “novo normal”. Naturalmente, as medidas de isolamento reverberaram de forma desigual na população, e não há como desconsiderar as múltiplas intersecções que modularam a experiência da pandemia em diferentes grupos sociais. As condições de moradia e saneamento para viabilizar a quarentena apresentaram diferenças significativas quando se consideravam os marcadores de raça e posição socioeconômica – no Brasil, tais marcadores inegavelmente se sobrepõem. Da mesma forma, classes inteiras de trabalhadores/as sequer tiveram a possibilidade de exercer remotamente suas funções – destacam-se por exemplo trabalhadores/as de aplicativo; porteiros e porteiras;

1. Cf.: <<https://especiais.gazetadopovo.com.br/coronavirus/casos-no-mundo/>>. Acessado em 21 jun. 2023.

trabalhadores/as do comércio, limpeza e alimentação, como regra geral, oriundos das camadas mais pobres da sociedade. Muitos/as também acabaram sem trabalho. Dentre os/as que puderam migrar para o trabalho remoto, as condições nem sempre foram confortáveis, veja-se o caso dos professores e professoras, aos quais frequentemente se impôs condições espaciais e tecnológicas incompatíveis com sua renda e rotinas familiares – nesse caso, mulheres estiveram em franca desvantagem.

Em todo caso, o imperativo do isolamento marcou os modos de sociabilidade humana, contornando o que estamos chamando, baseados em Bakhtin (2013), de o “cronotopo pandêmico”. Cronotopo pode ser definido como a íntima conexão entre tempo e espaço que se articula nas narrativas². O cronotopo pandêmico, lembrado pelas perdas de pessoas queridas, pelo risco de adoecimento, controle do movimento humano e instabilidade econômica, estará inevitavelmente evocado quando contamos nossas histórias desse período crítico.

No Brasil, em 20 de março de 2020, durante uma reunião via videoconferência, o então presidente Jair Bolsonaro declarou sobre a pandemia: “a economia não pode parar. Temos que produzir muita coisa”. Enquanto a situação de saúde pública se agravava em meio a poucos entendimentos sobre como controlar o contágio da Covid-19 e muitas certezas sobre sua letalidade, o ex-presidente não deixou de estimular, mesmo no pico da crise sanitária, um compromisso moral com o trabalho. O problema de saúde se tornou um problema econômico.

A posição do então presidente, contrária às recomendações das organizações internacionais de saúde, explicitou o embate entre diferentes ordens de indexicalidade (Blommaert, 2007) em torno dos lemas do isolamento. Em teorias discursivas, indexicalidade (Blommaert, 2007) diz respeito à propriedade de uma unidade discursiva apontar para discursos, posições ideológicas, valores, crenças, etc. Essas relações, naturalmente, não são fixas e estáveis: “as possi-

2. Uma alternativa à difusa noção de contexto, a noção de cronotopo tem sido usada na Linguística Aplicada e nas análises discursivas para se referir a contornos específicos e concretos de tempo-espaço a partir do qual a ação social se organiza, se distribui em papéis, e comportamentos e identidades são forjados (Blommaert, 2018).

bilidades indexicais de um dado texto estão disponíveis sempre ao mesmo tempo, deslizando dos contextos normativos mais vigiados aos contextos imprevistos menos regrados” (Pinto; Amaral, 2016, p. 160). O conceito de ordens de indexicalidade, derivado da noção foucaultiana de ordens do discurso³, diz respeito então às diferentes convenções de indexicalidade que estão estratificadas e em disputa na sociedade.

No contexto desta pesquisa, isso quer dizer que a produção de sentido ou a relação indexical que o “fique em casa” estabeleceu com seu entorno esteve marcada por orientações ideológicas contrastantes. Podemos supor, preliminarmente, a concorrência de pelo menos duas ordens de indexicalidade polares. Na primeira delas, “ficar em casa” evocou sentidos de responsabilidade, empatia, cuidado, coletividade e saúde, projetando seus adeptos como “pessoas do bem”. Nessa mesma “ordem”, quem não “ficava em casa”, por outro lado, foi construído como irresponsável, egoísta ou negacionista das fontes formais de produção de conhecimento. Já em uma segunda ordem de indexicalidade, ou seja, a partir de outros parâmetros organizadores da produção de sentido, o “fique em casa” foi avaliado como bobagem ou inutilidade, seus adeptos foram caracterizados como pessoas medrosas, preguiçosas ou frágeis, dependentes de políticas de assistências pública (como o Auxílio Emergencial⁴, por exemplo), que colocam em risco não uma saúde biológica, mas uma saúde econômica. Em contrapartida, os “não adeptos”, nesta outra posição, foram vistos como destemidos, resistentes a um discurso alarmante ou manipulador da pandemia, engajados em seus compromissos individuais e sociais, preocupados em manter girando a roda da economia.

Nesse cenário, diferentes discursos sobre a pandemia estão polarizados e hierarquizados, embora, ao que nos parece, reajam, em comum, à perplexidade diante da necessidade de parar.

3. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

4. Programa de transferência de renda instituído em 2020 pelo governo com a finalidade de auxiliar na renda de brasileiros e brasileiras que se encontravam em situação de vulnerabilidade socioeconômica no período da pandemia de Covid-19.

2. NARRATIVAS DA PANDEMIA E O SISTEMA DE COERÊNCIA NEOLIBERAL

Neste estudo, tomamos como objeto de análise as práticas narrativas que, de modo rotineiro, ou em situação de entrevista de pesquisa, conferem forma e organização às experiências pessoais e vicárias do/no dia a dia, articulando-as com complexas redes discursivas em circulação (De Fina, 2021). No lugar de entender as histórias que contamos em interações cotidianas e institucionais como mero exercício de recapitulação com função informacional, apostamos em seu potencial discursivo – ou seja, tomamos as narrativas como um lugar privilegiado de co-produção de sentido e co-construção da realidade social. Podemos, nesse sentido, olhar para a narrativa como um dispositivo de organização da experiência humana, segundo matrizes de inteligibilidade próprias do encontro social e das esferas sócio-históricas em que ela emerge (Biar *et.al.*, 2020).

Do ponto de vista formal, a definição mais conhecida de narrativa é a de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972). Para os autores, fundadores do campo da Análise de Narrativa, um enunciado pode ser categorizado como narrativo toda vez que concatene duas ou mais orações que expressem ações passadas em uma sequência temporal — ou seja, uma narrativa é um conjunto de ações complicadoras, composto de no mínimo duas delas temporalmente ordenadas de modo coordenado. Além das ações complicadoras, as narrativas também são compostas, obrigatoriamente, de avaliações: posicionamentos mais ou menos explícitos dos/as narradores/as sobre o que relatam. Frequentemente, essa estrutura é complexificada com a adição de outros elementos: uma narrativa canônica, além de apresentar ações complicadoras e avaliações, pode ser introduzida por um prefácio (um resumo da história), orientações (informações que situam espaço-temporalmente a narrativa), resolução (o desfecho da história) e coda, (uma síntese avaliativa do relato). Mais tarde, na literatura da área, variações menos canônicas

foram acrescentadas a esse esquema geral, e o interesse pelas narrativas migrou da descrição estrutural para a sua emergência interacional e força performativa (cf. Georgakopoulou, 2006).

Contemporaneamente, a ênfase dos estudos narrativos está no processo interacional de narrar, o que nos leva a um tipo de estudo mais sensível ao contexto de emergência de narrativas em leque amplo de práticas sociais e gêneros discursivos (De Fina, 2021). Sem perder de vista essa dimensão, estamos, na Análise de Narrativa que praticamos, considerando que as histórias que contamos são interacionalmente produzidas e performadas em contextos situados específicos e, também, em contextos históricos, institucionais e discursivos. Tomadas como objeto da pesquisa social, narrativas funcionam como peças de análise que nos informam tanto sobre uma pessoa ou grupo quanto sobre uma sociedade e cultura. Nessa direção, estamos comprometidos com análises que mostrem a ancoragem das narrativas em dimensões “macro”, ou seja, histórica e política. Privilegiamos, assim, histórias que envolvem poder e desigualdade e apresentamos o campo como uma das vertentes que compõem o cardápio de abordagens para uma análise de discurso – sublinhando os modos como esses fragmentos de linguagem em uso (re)criam ou sustentam, naturalizam ou desafiam crenças, valores, ordens econômicas e embates discursivos (Biar *et. al.*, 2020). Em tais análises interessa observar os modos como as diversas experiências individuais se conformam – ou não – às matrizes translocais reguladoras da vida social.

Nas narrativas analisadas neste artigo, em torno das rotinas de trabalho de mulheres durante o isolamento social, o já mencionado cronotopo pandêmico foi parte central da construção do ponto (a razão de ser da narrativa) e da estrutura das histórias. As participantes trouxeram à tona esse momento histórico, tecendo compreensões, avaliações e conseqüentemente se posicionando em relação a ele. Como já dissemos, ao observar as narrativas produzidas por essas

mulheres, estaremos atentos às formas pelas quais seus modos de narrar apontam para diferentes ordens de indexicalidade (Blommaert, 2007) já mencionadas na seção 1.

Outro conceito especialmente útil para a análise que se segue é o de “sistema de coerência”, conforme elaborado por C. Linde (1993). Segundo a autora, nossas histórias devem ser compatíveis com certas expectativas coletivas; é isso que as torna culturalmente “apropriadas”, isto é, alinhadas a demandas sociais sobre as histórias e as trocas de histórias em comunidade (Linde, 1993, p. 7). Os “sistemas de coerência” de Linde representam a mediação discursiva desse senso de “propriedade”, porque a partir deles ancoramos nossas narrativas em discursos estabilizados e compartilhados, sejam eles de senso comum ou sejam eles derivações ou simplificações de teorias especializadas. O conceito pode ser definido como

um dispositivo cultural mais global para a transformação da estrutura da experiência social em uma narrativa compartilhável. Um sistema de coerência é uma prática discursiva que representa um sistema de crenças e relações entre crenças; fornece o ambiente no qual uma declaração pode ou não pode ser tomada como causa de outra declaração (Linde, 1993, p. 163).

Um exemplo de sistema de coerência, frequentemente acionado nos dados deste estudo, é o que chamaremos de sistema de coerência neoliberal. Caracterizado como um “conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo [da vida humana]” (Dardot; Laval, 2016, p. 17), o sistema de coerência neoliberal posiciona o trabalho como uma necessidade humana básica para a existência social, dando origem a um tipo de sujeito econômico (Laval, 2018, p. 40) enredado na governamentalidade⁵ de si. Mais que um sistema econômico, o neoliberalismo pode ser compreendido como uma racionalidade que opera como condição de interpretação da realidade social e de regulação da ação social.

Veremos como o neoliberalismo é um sistema de coerência que guia a produção de sentidos sobre a experiência do trabalho na pandemia, normalizando as rotinas insalubres de trabalho

5. De modo bastante simplificado, governamentalidade pode ser entendida como uma arte de governar, ou seja, um meio que permite, autoriza e legitima modos de governamentalização. Cf.: Foucault, M. Segurança, território, população. Curso dado no Collège de France. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

como um compromisso individual, mesmo em um tempo de exceções⁶. Nessa visada, estão enredados outros discursos como os de mecanização do corpo, invisibilização da saúde, autoempreendimento e anticientificismo, por exemplo.

Na análise, observaremos a costura do sistema de coerência neoliberal a partir da observação de dois aspectos: as relações de causa e efeito estabelecidas na explicação de eventos materiais ou mentais e a sequencialidade das ações narrativas. Ainda conforme Linde (1993), tanto a ordenação narrativa quanto a relação entre os fatos narrados resultam da articulação da história a um sistemas de coerência. Para fazer referência a tais elementos lançaremos mão da metalinguagem laboviana mencionada nesta seção.

3. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS DO ESTUDO

Analisamos qualitativamente narrativas de três mulheres que falam de si a partir de um olhar retrovisor (Mishler, 2002) sobre a pandemia, se referindo especificamente aos anos de 2020 e 2021. Nosso objetivo, conforme alinhavado na introdução, foi o de observar os sentidos sobre o trabalho no cronotopo pandêmico conforme construídos por essas mulheres em suas narrativas, o que nos levou a observar os modos como suas experiências com o isolamento – ou a impossibilidade dele – navegaram por ordens de indexicalidade sempre marcadas por imperativos neoliberais. Os dados foram gerados no segundo semestre de 2022 por meio de entrevistas abertas.

As entrevistas tiveram como ponto de partida perguntas sobre como se deu a relação dessas mulheres com o seu trabalho no período em que medidas de distanciamento social foram recomendadas por órgãos internacionais. Foram entrevistadas mulheres profissionais de diferentes categorias: trabalhadoras de aplicativo, professoras do ensino básico, professoras de

6. Acreditamos que os sistemas de coerência sustentados e reproduzidos nas narrativas podem também ser desafiados ou subvertidos em práticas que colocam em xeque as suas bases.

7. Cf.: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-03/mulheres-e-pandemia-covid-acentuou-desigualdade-no-trabalho-domestico>. Acessado em 17 jun. 2023.

academia, porteiras, empregadas domésticas e médicas. O recorte de gênero foi considerado tendo-se em vista as demandas do cenário da pandemia, as queixas e os números⁷ que apontam para um aumento na carga de trabalho doméstico das mulheres. Ao longo das entrevistas, as participantes se dispuseram a reconstruir suas próprias experiências no período. Na análise, prestamos especial atenção ao discurso das narradoras, observando índices linguístico-discursivos que entrelaçam os fragmentos biográficos compartilhados por elas com os discursos circulantes sobre a pandemia. Dentre esses elementos narrativos estão as relações de temporalidade e causalidade estabelecidas, os personagens e eventos verbais convocados para as histórias e os modos de se posicionar em relação a esses elementos, por meio principalmente da transitividade e das escolhas lexicais.

As participantes seguem descritas com pseudônimos na tabela abaixo.

Tabela 1 - Participantes da pesquisa

Fonte - Autores

| | |
|--------|---|
| Sílvia | Mulher negra, cerca de 40 anos, professora de pré-escolar de uma instituição particular do Rio de Janeiro, mãe de um filho de dois anos na época da pandemia. Sílvia trabalhou remotamente no início da pandemia e no segundo ano de forma híbrida. |
| Neiva | Mulher branca, cerca de 50 anos, com uma filha adulta que reside em outro estado. Neiva é porteira de um prédio da Zona Sul do Rio de Janeiro e trabalhou presencialmente fazendo uso de transporte público durante todo o período da pandemia. |
| Célia | Mulher branca, motorista de aplicativo, cerca de 60 anos, mãe de filhos já adultos. Célia trabalhou na rua durante a pandemia fazendo transporte. |

As interações geradas na pesquisa foram transcritas conforme enunciadas, mas de modo simplificado, isto é, sem apoio das convenções de transcrição propostas para os estudos da fala-em-interação. A decisão foi tomada para facilitar a legibilidade dos dados, uma vez que pistas paralinguísticas das narrativas não foram tornadas relevantes na análise.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção, procedemos à apresentação, análise e discussão dos dados das três participantes de pesquisa, buscando identificar, a partir de suas narrativas individuais, pontos de interseção e conflito na construção de significados sobre saúde e trabalho no auge da crise da Covid-19.

4.1. SÍLVIA

Sílvia inicia a narrativa reproduzida a seguir após ser perguntada sobre como ficou sua vida depois que a escola em que trabalhava como professora auxiliar interrompeu as atividades presenciais no início da pandemia, em março de 2020. No excerto 1, Sílvia descreve sua inserção e rotina no trabalho remoto, e logo somos situados em um universo novo, imediatista e exigente, caracterizado por um tipo de trabalho excessivo e continuado, que demandava interação com uma plataforma tecnológica para o qual a narradora, segundo ela mesma, não havia sido preparada.

Excerto 1: Sílvia

01 Sílvia Uma semana depois [do decreto de isolamento] a escola começou
02 a se organizar pra gente dar aula e a gente começou a ter que
03 entender daquela plataforma Google. Como eu era professora do
04 horário estendido, mas mesmo assim esses pais pagavam o
05 horário estendido, eu tinha que dar aula [...]. E aí vieram
06 as filmagens, a gente tava se apresentando ali, entender que
07 roupa bota na frente daquilo, que ângulo da sua casa vai
08 aparecer, aí passa obra [...]. O filho tava em casa e
09 solicitando, e ele também tinha aula online, e tava
10 desfraldando, foi desesperador. Ele chamava, solicitava muito.
11 Meu marido tava em casa também, e a gente, ainda bem, tínhamos
12 dois computadores e internet boa, porque senão, não ia
13 funcionar [...], porque você não tem um escritório em casa;
14 exigiam de você um computador incrível, com uma internet
15 incrível, que eu tinha por acaso, né, ainda bem que eu tinha,
16 porque eu acho que várias colegas não tinham. Algumas que não
17 tinham realmente o colégio emprestou, eu acho, mas isso não
18 era assim "ó vou te emprestar". A escola contava que você
19 tivesse esse tipo de aparelho. Então às vezes, até as coisas
20 se organizarem, o colégio solicitava reuniões quase toda hora,
21 então às vezes eu trabalhava treze horas por dia [...]. E
22 assim foi, foi desesperador, assim, eu me sentia acelerada o
23 tempo inteiro, era uma aceleração, uma dor nas costas, porque
24 eu ficava muito tempo sentada, eh::, eu não dormia direito,
25 eu fechava a câmera para comer, eh::, assim, eu me sentia

26 muito aprisionada, e atenção pra criança e comida [...]. Eram
27 pequenas pausas pra fazer essas limpezas da casa e limpar
28 alimento, fazer comida, e o resto às vezes todo sentado na
29 frente do computador e fazendo reunião de pais também, pros
30 pais entenderem o que estava acontecendo, explicar pra eles o
31 que seria essa metodologia... foi tudo muito complexo. A
32 lembrança que eu tenho é de uma pessoa que ficou acelerada e
33 isso me deu muita dor na coluna, que me levou até a decisão
34 de uma cirurgia [...]. Às vezes eu tava na sala, às vezes eu
35 tava filmando, às vezes eu tava planejando o que eu ia fazer,
36 ora eu tava filmando, ora eu tava ajudando outras professoras
37 também, ora eu tava em reunião. A sensação que eu tinha era
38 que eu tava trabalhando vinte e quatro horas por dia, fora
39 todo serviço doméstico e fora tentar ser um pouco mãe, um
40 pouco esposa. Como eu não era regente específica, estava meio
41 que girando, professora auxiliando todo mundo, eu era uma
42 professora que estava ajudando. Eu ouvia muito "você tem que
43 procurar o que fazer mesmo", ainda tinha essa tensão. E algumas
44 pessoas foram demitidas, então ainda tinha isso. Então não
45 tinha essa questão do elogio "que bom que você conseguiu se
46 entender com a aparelhagem inteira e você não fez curso" [...].
47 Mesmo quando a internet caía eu entrava pelo celular, pelo
48 três gê, porque eu não estava mais fazendo print das telas que
49 tinha que fazer, que precisavam daquilo pra poder documentar,
50 enfim, eu tava muito professora e secretária, fazendo tudo ao
51 mesmo tempo.

Desde as primeiras linhas, notamos que a estrutura retórica da narrativa de Sílvia não marca fronteiras claras entre momentos de contextualização e ações complicadoras — o sequenciamento das ações não é claro. Trata-se de uma narrativa com ações recorrentes, não prototípicas (Georgakopoulou, 2006). Ao longo da sua performance narrativa, sem pausas e episódios bem delimitados, temos a impressão de que tudo acontecia de uma vez, sendo difícil apontar o que antecedeu o quê.

São os seguintes os personagens tornados relevantes na história de Sílvia. Em primeiro lugar, está a escola, categorizada por institucionalização, e apresentada como antagônica, ameaçadora, isto é, uma entidade que não retribui o esforço aumentado com elogio, mas, pelo contrário, trata as condições apropriadas de trabalho como obrigação da professora; também vemos recrutados os pais dos alunos, aqui generalizados como entidade a quem se presta contas de um trabalho para o qual está sendo pago; outra figura importante é a tecnologia, construída como obstáculo, bem como o marido, o filho e suas respectivas demandas – mais problemas e entraves a serem superados; enfim, temos a própria Sílvia, construída a partir de um eixo de diferenciação em relação a outros professores. Eixos de diferenciação são categorias discursivas opostas que designam identidades por diferença (Irvine; Gal, 2000, p. 38). Nesse sentido, eixos de diferenciação estabelecem cisões que demarcam sujeitos/as e grupos sociais a partir de características que os diferenciam, como, por exemplo, bom e mau, sendo tal caracterização ideológica e discursivamente postulada.

Em virtude das demandas da pandemia, Sílvia caracteriza a sua casa (linhas 06-10) como uma espécie de instituição total (Goffman, 1961). Seu comportamento está influenciado pelas lentes de uma câmera, um dispositivo regulador de seu trabalho. O espaço doméstico é interpretado de modo diferente ao postulado pelo lema "fique em casa": no lugar de um espaço de

proteção e cuidado, temos um ambiente vigiado e de exposição. Filmagens, obra, maternagem, afazeres domésticos apontam para uma precarização real ou possível de seu novo ambiente de trabalho. A partir da linha 10, Sílvia desloca a ênfase para solicitações e exigências que partiam tanto do papel de professora quanto de mãe: "ele ((o filho)) chamava, solicitava muito" (linha 10); "o colégio solicitava reuniões quase toda hora, então às vezes eu trabalhava treze horas por dia" (linhas 20 e 21). Ambas as declarações são avaliadas com uma coda, que é sintaticamente estruturada da mesma forma em dois momentos diferentes da história: "foi desesperador" (linha 10 e linha 23). Assim, parece ser construída uma disputa entre o imperativo do produtivismo e da autonomia, confrontado com a falha do corpo – provocada não pela pandemia, mas pela aceleração e excesso de trabalho.

A intensificação do trabalho pedagógico e doméstico é avaliada como complexa (linha 31) em virtude da sobreposição dessas duas categorias de atuação, e é apontada como causa de em um estado de saúde debilitado: "isso me deu muita dor na coluna, que me levou até a decisão de uma cirurgia (...)" (linhas 33-34). O trabalho, mais que o vírus, leva ao adoecimento. Apesar das avaliações negativas, a exaustão de Sílvia, e o conseqüente problema na coluna, é um índice da sua entrega, parte de uma performance virtuosa de quem estava cumprindo o seu papel.

Nos momentos finais da narrativa (linhas 37-51), comparecem alguns outros sintomas da precarização do trabalho além da condição de saúde de Sílvia, entre eles a dificuldade para exercer suas funções de mãe e esposa, situadas em um entrelugar no meio de sua plena função de professora e doméstica. A sensação de trabalhar 24h por dia é descrita com locuções verbais que indicam um ciclo de recorrências: "ora eu tava filmando, ora eu tava ajudando outras professoras também, ora eu tava em reunião. A sensação que eu tinha era que eu tava trabalhando vinte e quatro horas por dia, fora todo serviço doméstico e fora tentar ser um pouco mãe, um

pouco esposa" (linhas 37-40). Nesse trecho, o sujeito das ações é bem marcado — o "eu" indexa Sílvia como uma mulher em constante atividade de trabalho. O sujeito (eu) também aparece de forma mais delimitada nos verbos que representam processos mentais: "eu me sentia acelerada o tempo inteiro" (linhas 22 e 32); "eu me sentia muito aprisionada" (linha 26); "como eu não era regente específica, estava meio que girando" (linha 41); "eu ouvia muito" (linha 42). Em resumo, Sílvia se vê arrolada na transitividade de muitas ações, que descrevem tanto (i) coisas as quais ela se vê obrigada a fazer como única responsável, quanto (ii) demandas apresentadas a ela por outrem, nas quais se nota certa vagueza na definição do demandante.

Notamos nessa análise que a narrativa de Sílvia é organizada imediatamente após o isolamento — não há a contextualização de um passado diferente; a Covid-19 aparece apenas como pano de fundo, e não é mencionada em momento algum da história. Rapidamente, a pandemia transforma a rotina de trabalho, aumentando a carga em todos os seus aspectos. Em uma outra dimensão, vemos que a pandemia coloca sob ameaça também os seus vínculos formais de trabalho, que podem ser cortados a qualquer momento por uma falta de adaptação ao novo regime pedagógico que articula as rotinas profissionais com as domésticas e as familiares. O que sobressai é o papel da narradora como professora que, apesar de atravessado de uma série de entraves e consequências, é ministrado de modo adequado à situação, ou seja, é colocado como prioridade, mesmo que isso tome a totalidade do seu dia. A estrutura narrativa realiza um trabalho de perspectivização em que o embate ideológico sobre o distanciamento social desaparece, porque todo o espaço da vida é ocupado pelo trabalho. Assim, a doença fica suplantada, a subjetividade desaparece, a casa deixa de ser espaço de descanso e a dimensão econômica passa a ocupar toda a vida, tornando-se a base de todas as interações por ela estabelecidas. No lugar das duas ordens de indexicalidade previstas na seção 2, somos confrontados com uma terceira, em que o que se destaca é a exaustão agravada pelo trabalho remoto.

Excerto 2: Neiva

01 Neiva Eu vim todos os dias, mas foi meio complicado, né, complicado
02 assim, porque a gente ficou com medo, medo assim de você pegar
03 a Covid, não medo assim, você já entrava no metrô, no trem,
04 no ônibus, você já entrava assustada, porque tipo assim, você
05 tinha que usar a máscara, diariamente, você tinha que trocar
06 ela, mudar, né? E fora que mesmo dentro da cabine a gente teve
07 que usar, né, as máscaras por um bom tempo, até cessar, tomar
08 vacina e tudo[...]. Aí, quer dizer, foi um pouco de medo que
09 eu fiquei na pandemia só que não tinha como eles deixarem a
10 gente em casa, eu tive que enfrentar esse medo com a cara e a
11 coragem[...]. Os porteiros, ninguém teve prioridade não, a
12 gente teve que enfrentar a pandemia ali a fogo e ferro, rezando
13 pra não ficar doente, só com o medo constante, porque como que
14 a gente ia fazer? A gente não podia perder o trabalho, precisa
15 se manter, como que a gente vai fazer se não podia perder o
16 trabalho?

Ao ser indagada sobre o seu trabalho na pandemia, Neiva escolhe narrar a rotina de deslocamento até a portaria do prédio que a emprega, sublinhando sua impossibilidade de aderir ao "fique em casa". Os seguintes temas são salientes no relato da narradora: a ameaça do desemprego, o uso do transporte público, o medo de ficar doente e os cuidados sanitários (uso de máscara). Esses temas estão organizados em relação a uma ordem de indexicalidade segundo a qual a ida ao trabalho, em tempos de pandemia, é indesejável, avaliada como amedrontadora, já que representa uma ameaça à vida: "porque a gente ficou com medo, medo assim de você pegar a Covid" (linhas 02 e 03).

Vale ressaltar as escolhas pronominais de Neiva. A partir do uso do "a gente" no lugar do "eu", a narradora produz um sentido de coletivização, unificando um certo grupo de trabalhadores/as enquanto entidade social. Também o "você", apesar de impessoal, aponta para qualquer um que faça uso de transporte público, categorizado como um ambiente mais perigoso que o próprio ambiente de trabalho. Das linhas 11 a 16, um outro dêitico é mobilizado, o "eles": "só que não tinha como eles deixarem a gente em casa, eu tive que enfrentar esse medo com a cara e a coragem". Nessa polarização, enquanto o "a gente" citado na linha 02 indexa uma classe espoliada, o "eles" aponta para uma classe social abastada, que parece usufruir do direito ao distanciamento. Assim, um eixo de diferenciação estabelece o reconhecimento de um "nós" e um "eles" afetados de forma diferente e assimétrica pela pandemia. Apesar disso, as avaliações presentes no trecho resguardam, em uma parte, a coletividade; na outra, a individualidade — Neiva teve que enfrentar o medo, e esse enfrentamento se deu por conta própria, ou seja, ela fez isso sozinha. Na mesma direção, Neiva contrasta o medo do contágio com uma apresentação de si como mulher corajosa (linhas 10-12): "eu tive que enfrentar esse medo com a cara e a coragem".

A narrativa de Neiva, assim como a de Sílvia, é composta de muitas orientações, que oferecem contexto às ações narradas. Ir para o trabalho correndo o risco de adoecer severamente, ou levar o corpo e a mente a um desgaste intenso, poderiam ser vistos enquanto atos extremos. No entanto, o trabalho, na pandemia, é uma prática que normaliza o adoecimento (do corpo ou da mente), uma consequência já esperada. Nas linhas 15 e 16, Neiva questiona: "como que a gente vai fazer se não podia perder o trabalho?". Perder a vida é parte da lógica neoliberal, no entanto, perder o trabalho, não. Nas entrevistas como um todo, vimos exemplos disso tanto em Neiva quanto em Sílvia, que conformam suas experiências narradas em uma trajetória individual de superação do momento pandêmico. O que se supera, ou o que se tem de dar

conta, varia de história para história, às vezes apontando com mais ou menos força discursos individualizantes de autonomia e superação. De qualquer forma, cabe destacar que essas narrativas terminam com uma volta à normalidade. A pandemia é tratada como parênteses em um mundo que segue a sua marcha, e ambas as entrevistadas constroem essa experiência como solitária, individualizada — um senso de *self* resiliente em relação ao excesso de trabalho ou ao medo de adoecer.

O desemprego também é um tema comum dessas duas entrevistas, mas, apesar disso, dificilmente a questão é abordada a partir de mecanismos discursivos de coletivização da experiência. Na maioria das vezes, os empregadores e não, por exemplo, o sistema, são objetos de avaliação. Há também muita agentividade: mulheres que ficaram em casa descrevem uma rotina exaustiva de muito trabalho; mulheres que saíram para o trabalho narram uma rotina de enfrentamento corajoso da doença.

4.3. CÉLIA

Nesta última seção, veremos uma narrativa que segue caminhos divergentes para dar sentido à experiência da pandemia. Até aqui, as narradoras investigadas tomaram como ponto das suas narrativas a afetação pelo contexto. No caso da próxima participante, veremos que o contexto da pandemia é compreendido como algo que praticamente não a afeta.

Excerto 3: Célia

- 01 Autora E deixa eu te perguntar uma coisa, como foi na pandemia, hein?
02 Célia Pra mim não me afetou em nada, nada. Afetou o camelôzinho,
03 coitadinho, que vendia verdura ali, e esse maldito desse
04 prefeito ia pro sambódromo, pra Portela, sambar e cheirar a
05 cocaína dele, enquanto o coitadinho que tinha que vender pra
06 levar o sustento pros filhos não podia vender porque o guarda
07 municipal vinha e tomava, tinha aquela vigilância que também
08 vinha... Assim, a mim, não me afetou em nada.
09 Autora Mas você não se sentia insegura, assim, em relação à saúde?
10 Célia Eu? Eu nada. ts-ts-ts-ts ((negando com a cabeça)). Eu entreguei
11 o Coren ((registro no Conselho Regional de Enfermagem)), gata.
12 Eu sou enfermeira. Quando eles disseram "você vai pra
13 vacinação", eu falei "eu não". Faz esse veneno aí em quem vocês
14 quiserem, eu tô saindo. Tá aqui meu Coren, fui lá, dei baixa
15 no Coren e tchau e beijo.
16 Autora Ah, tá. Aí você não se vacinou?
17 Célia Vamos pular essa parte?

Célia, na ocasião da pandemia, atuava como motorista de aplicativo. Ao ser perguntada sobre como passou pela pandemia, a narradora produz um sumário avaliativo: "pra mim não me afetou em nada, nada" (linha 02). Apesar de falar de si, Célia utiliza uma narrativa vicária para explicar por que não foi afetada pelo contexto do distanciamento, descrevendo em narrativa breve a história de um camelô que foi impossibilitado de trabalhar por conta de normas sanitárias adotadas pela Prefeitura à época (linhas 02-08). O uso do diminutivo na micronarrativa, "camelôzinho", para se referir ao trabalhador citado, evoca compaixão – "afetou o camelôzinho, coitadinho, que vendia verdura ali" (linhas 02 e 03) –, enquanto que, em um outro eixo

de diferenciação, Célia posiciona o prefeito (linhas 03-05), que supostamente ordena, mas não cumpre as medidas de distanciamento. É curioso notar que Célia não se posiciona em nenhum desses dois lugares: nem o do camelô prejudicado, nem o do prefeito descompromissado com o povo. Ao camelô, Célia atribui uma necessidade de sustento e a impossibilidade de ficar sem trabalho; ao prefeito, ela atribui um antagonismo, que impede o trabalho de certos indivíduos. Célia avalia o camelô, ao contrário dela própria, como uma pessoa que não tem agência e autonomia frente ao autoritarismo de figuras públicas que são, por sua vez, avaliadas negativamente. Dentre as ordens de indexicalidade apresentadas na seção 1, poderíamos dizer que Célia se posiciona confortavelmente na segunda, em que transgredir as medidas sanitárias são avaliadas positivamente como ato de força, insubordinação e comprometimento com o mundo do trabalho. Vale notar também que essa é a primeira vez que alguma dimensão do Estado aparece nas narrativas aqui apresentadas. Ao que nos parece, o ponto da micronarrativa envolvendo o camelô e o prefeito é o de negar a afetação de Célia pela pandemia e produzir discursivamente um *self* autônomo para ela.

Em termos comparativos, há dois pontos interessantes na narrativa de Célia. Um é o modo como ela estrutura e organiza o tempo narrativo de modo mais linear, dando vista a ações complicadoras melhor situadas. O segundo, é a ausência, em Célia, da narrativa de eventos mentais. Vimos anteriormente como Sílvia e Neiva descrevem modos de sentir (“acelerada”, no caso de Sílvia; “com medo”, no caso de Neiva, por exemplo). Célia, entretanto, mesmo quando diretamente indagada sobre um sentimento de insegurança provocado pela pandemia (linhas 09), diz categoricamente que não: “eu? eu nada. ts-ts-ts-ts” (linha 10). A pandemia em nada teria alterado sua rotina de vida física, mental e emocional.

Em um outro momento, Célia introduz mais uma breve narrativa (linhas 10-15) bastante agentiva, sobre um episódio de rebeldia em relação ao conselho de enfermagem de que ela costumava fazer parte: "eu entreguei o Coren ((registro no Conselho Regional de Enfermagem)), gata. Eu sou enfermeira. Quando eles disseram “você vai pra vacinação”, eu falei “eu não”. Faz esse veneno aí em quem vocês quiserem, eu tô saindo. Tá aqui meu Coren, fui lá, dei baixa no Coren e tchau e beijo". Pela primeira vez, há a emergência de um relato de um episódio mais especificamente delimitado e individual. Essa não é uma narrativa de conformação, mas sim uma narrativa de subversão de regras. Neste momento, Célia se apresenta como exemplo de coragem e insubordinação em meio a um apagamento da dimensão sanitária da pandemia pela evocação de discursos sobre liberdade individual. Nesse sentido, para Célia, o enfrentamento da pandemia não se dá pela chave da superação, mas da negação. Todos os personagens que Célia traz para sua história são “outros” — e ela se diferencia de todos eles (do camelô, do prefeito, do conselho).

À GUIA DE CONCLUSÃO

Neste estudo, buscamos desenhar um pouco das paisagens narrativas que caracterizaram a vida de mulheres trabalhadoras no período da pandemia da Covid-19. A partir da lente de observação da Análise de Narrativa, entramos em contato com histórias de quem pôde e de quem não pôde atender ao chamado do imperativo “fique em casa”, em todos os casos tendo que lidar com novas demandas desse cronotopo. Nossa pequena amostra de dados parece apontar para três ordens de indexicalidade, isto é, três modos de fazer sentido da pandemia: a primeira delas, patente na narrativa de Sílvia, evoca signos do multiatarefamento contemporâneo. Entre a extraordinariedade do contexto pandêmico e a necessidade de conformação a ele, vimos emer-

gir o cansaço, a exaustão do corpo, e um adoecimento colateral, provocado não pelo vírus, mas por demanda da adaptação para o trabalho remoto. Com Neiva, ainda no mesmo eixo extraordinariedade-conformação, vimos sendo tornados relevantes elementos como a insalubridade das condições de trabalho e o risco de um adoecimento – dessa vez mais literal –, o contraste de classes, a necessidade de manter com coragem a marcha diária em um tipo de trabalho que, ao contrário do caso de Sílvia, não pôde ser adaptado para outras condições. Finalmente, Célia nos mostra uma forma de compreensão que nega a extraordinariedade e impõe uma certa forma de subversão – que se manifesta não em relação ao sistema que a impele ao trabalho, mas em negação à própria gravidade da doença, trazendo à tona discursos anticientificistas e antirregulamentadores do distanciamento.

Essas diferentes ordens, entretanto, guardam algumas semelhanças entre si, com destaque para o domínio da (re)ação individual de normalização da pandemia e das rotinas de trabalho em detrimento da proteção do Estado – mesmo que por sua negação. A esse respeito, é importante não perder de vista que as histórias individuais de Sílvia, Neiva e Célia materializam tempos e espaços momentâneos que se articulam a cronotopos sócio-históricos, configurando-se como pedaços de história encenados localmente. Em tais fragmentos de história, vemos entextualizados os imperativos neoliberais “trabalhe!”, “interaja!”, “circule!”, prontamente recuperados e naturalizados – em alguns casos até intensificados –, mesmo em face a uma das maiores crises sanitárias do planeta, que exterminou cerca de 15 milhões de pessoas. Conforme argumentamos anteriormente, parece que o neoliberalismo atua, nos dados, como um sistema de coerência comum às três narrativas, alinhando a forma com as entrevistadas atribuem ordem aos eventos narrados sobre suas rotinas de trabalho e distribuem as relações semânticas entre eles.

Por fim, esperamos ter demonstrado as vantagens do trabalho com narrativas geradas a partir de experiências ordinárias de pessoas de diferentes grupos sociais. Acreditamos que, ao observar como pessoas e grupos sociais estão atuando como agentes das explicações sobre si e os fenômenos que protagonizam, ainda que nos deparemos com elementos impertinentes, incompatíveis com as nossas visões de mundo — e aqui a narrativa de Célia é exemplar dessa possibilidade —, estamos realizando uma inflexão epistemológica que nos aproxima de outras ordens de indexicalidade que compõem nosso universo discursivo, criando brechas para compreensão também das diferenças políticas estarrecedoras como as que nos acompanharam nos últimos dramáticos anos.

REFERÊNCIAS

Bakhtin, M. (2013). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Biar, L.; et al. (2021) A pesquisa brasileira em análise de narrativa em tempos de “pós-verdade”. *Linguagem em (Dis)curso*, 21 (2), p. 231-251.

Blommaert, J. (2007). Sociolinguistics and discourse analysis: Orders of indexicality and polycentricity. *Journal of Multilingual Discourses*, 2 (2), 115-130.

_____(2013). *Chronicles of Complexity*. Bristol: Multilingual Matters.

_____(2018). *Are Chronotopes helpful?* Disponível em: In: <https://alternative-democracy-research.org/2018/06/22/are-chronotopes-helpful/>. Acesso em 20 de fev de 2024.

Dardot, P.; Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal*. Tradução de Mariana Echlar. São Paulo: Boitempo.

De Fina, A. (2021). Doing narrative analysis from a narratives-as-practices perspective. *Narrative Inquiry*, 31(1), 49-71.

Georgakopoulou, A. (2006). Thinking big with small stories in narrative and identity analysis. *Narrative-State of the Art*, 16 (1), 122-130.

Goffman, E. (1961). *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva.

Gorter, D. (2006). *Linguistic Landscape: a new approach to multilingualism*. Clevedon: Multilingual Matters.

Irvine, J.; Gal, S. (2000). Language Ideology and Linguistic Differentiation. In P.V. Krosnritry (Org.), *Regimes of Language*. Santa Fe: School of American Research Press (p. 35-83).

Labov, W.; Waletzky, J. (1967). Narrative Analysis: oral versions of personal experience. In J. Helm (Org.), *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press.

Labov, W. (1972). *Language in the inner city: studies in the black English vernacular*. Philadelphia: University of Philadelphia Press.

Laval, C. (2020). *Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal*. Tradução de Márcia Pereira Cunha e Nilton Ken Ota. São Paulo: Elefante.

Linde, C. (1993). *Life stories: the creation of coherence*. Oxford: Oxford University Press.

ARTIGO RECEBIDO A

19/02/2024

ARTIGO APROVADO A

16/05/2024

Mishler, E. (2002). Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In L.P. Moita Lopes; L.C. Bastos (Orgs.), *Identities: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras.

Pinto, J.; Amaral, D. (2016). Corpos em trânsito e trajetórias textuais. *Revista da Anpoll*, 40, 151-164.

